

60 ANOS DA GEOLOGIA NA UFPE: proposta para a promoção da Geocultura por meio de exposição temática

Sandra de Brito Barreto^{*}

Adriano Edney Santos de Oliveira^{**}

Mario Ferreira Lima Filho^{***}

Resumo

O texto revela os planejamentos do Museu de Minerais e Rochas (MMR) para participação no evento comemorativo aos 60 anos do Curso de Geologia no Estado de Pernambuco programado para iniciar-se em maio de 2017. Em paralelo no mesmo período, o MMR irá comemorar 10 anos de sua reabertura e 50 anos de seu vínculo com a UFPE. São duas instituições, o Museu e o Departamento, ícones do interesse no desenvolvimento da Ciência e Tecnologia em território nacional e que serão homenageadas por meio de exposições temáticas, publicação e outras ações pontuais que evidenciarão os recursos e produtos da Ciência e Tecnologia materializados em acervos geológicos, equipamentos, documentos, fotografias e relatos. Pretende-se assim, mostrar ao público do evento comemorativo e, em especial, à comunidade acadêmica da UFPE, a importância histórica, econômica e social da geologia e das geociências.

Palavras-chaves: Museu de Minerais e Rochas; Departamento de Geologia; CAGE; Campanha formação Geólogos; exposição.

Abstract

The text reveals the plans of Minerals and Rocks Museum (MMR) for participation in the event commemorating the 60th anniversary of the Geology Course at the State of

^{*} Museu de Minerais e Rochas. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Tecnologia e Geociências, Av. da Arquitetura s/n, Recife, Brasil, CEP 50740550. sandradebritobarreto@gmail.com. Geóloga, Diretora do MMR/UFPE, Professor Associado III do Curso de Graduação em Geologia da UFPE

^{**} Museu de Minerais e Rochas. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Tecnologia e Geociências, Av. da Arquitetura s/n, Recife, Brasil, CEP 50740550. adrianoeso@gmail.com. Museólogo no MMR/UFPE. Centro de Tecnologia e Geociências, Av. da Arquitetura s/n, Campus Universitário, CEP 50740550, Recife, Brasil

^{***} Departamento de Geologia. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Tecnologia e Geociências, Av. da Arquitetura s/n, Recife, Brasil, CEP 50740550. mario.limafo@ufpe.br. Coordenador do Departamento, Professor Associado III do Curso de Graduação em Geologia da UFPE.

Pernambuco scheduled to begin May 2017. In parallel in the same period, the MMR will celebrate 10 years of its reopening and 50 years of its link with UFPE. Are two institutions, the Museum and the Department, icons of interest in the development of Science and Technology in the country and will be honored through thematic exhibitions, publishing and other specific actions that will evidence the resources and science products and technology embodied in geological collections, equipment, documents, photographs and reports. The aim is to show the public commemorative event and, in particular, the academic community UFPE, the historical, social and economic of the geology and geosciences.

Keywords: Museum of Minerals and Rocks; Department of Geology; CAGE; campaign training Geologists; exposure.

Introdução

Os museus, como entidades de representação social, têm a possibilidade de participarem e acompanharem a trajetória de vida de importantes instituições que moldaram a sociedade, seja em escala local ou nacional. Instituições estas que aglomeram a cultura de uma comunidade reveladas em documentos, objetos e personalidades.

O Museu de Minerais e Rochas (MMR) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é uma dessas instituições que, por estar vinculada ao Departamento de Geologia (DGeo) da mesma Universidade, acompanha e mantém, por meio de seu acervo, parte da memória relacionada a sua estruturação, maturação e estabilização. Com origem na Campanha de Formação de Geólogos (CAGE) o DGeo mantém seu ímpeto na formação de geólogos atentos às necessidades do mundo contemporâneo e em respeito ao desenvolvimento do campo profissional.

No mote das comemorações dos 60 anos do Curso de Geologia em Pernambuco que ocorrerá a partir de maio de 2017, o Museu de Minerais e Rochas idealizou diversas ações, condizentes a sua função de disseminador da cultura geocientífica. Idealiza-se concretizar por meio do “Projeto Memória”, cinco produtos culturais para levar a cultura das geociências ao público participante da ação de comemoração gerida pelo DGeo para comemoração ao sexagenário do Curso, quais sejam: (1) três exposições temáticas e (2) um percurso museológico, (3) um Livro-catalogo, (4) palestras temáticas e (5) homologação de dois instrumentos administrativos-normativos, o Plano Museológico e o Regimento interno. É válido antecipar que um dos produtos culturais, o Livro-catalogo, é proposto para comemorar os dez anos de reabertura do MMR, ocorrida no ano de 2007 e ainda, por coincidência, dos 50 anos de seu vínculo oficial com a UFPE¹.

¹ Conforme mencionado em documento histórico (cujo conteúdo está em análise) de 16 de maio de 1967, emitido por José Lapenda Filho tem-se a seguinte passagem: “(...) a inauguração recente de um MUSEU DE MINERAIS E ROCHAS, aberto ao público, para uma amostra clara e evidente das riquezas do subsolo do Nordeste, o que merece consideração devida, uma vez que este Museu veio enriquecer o Nordeste, pelo seu

Os planejamentos iniciais das ações culturais propostas pelo MMR serão alvo deste trabalho, demonstrando as motivações e idealizações para que cada um seja realizado com sucesso. Por necessidade, fatos importantes sobre a existência da CAGE, da Escola de Geologia, do Instituto de Geologia e do próprio MMR serão relatados, mas é válido salientar que a escrita não revelará uma historiografia definitiva, pois os documentos históricos destas entidades ainda estão em fase de levantamento e estudo.

De Curso à Departamento: histórias que se cruzam com a vida do Museu de Minerais e Rochas

A trajetória do Departamento de Geologia começa a ser escrita no final de 1950, mais precisamente no ano de 1957 com a criação da Escola de Geologia (CAMPANHA DE FORMAÇÃO DE GEÓLOGOS - CAGE, 1957). Esta trajetória é complementada pelo transcurso do Instituto de Geologia, criado em 1959 (UNIVERSIDADE DO RECIFE - UR, 1963). Ambas entidades, detinham personalidades voltadas para o ensino e aperfeiçoamento da Geologia, porém, seus interesses eram especialmente distintos.

Escola de Geologia

Criada em 1957 pela Companhia de Formação de Geólogos (CAGE) o Curso de Geologia emerge em um contexto cuja demanda sobre profissionais da geologia era crescente (RAMOS, 1998; SIAL, 2007), em parte, procura esta estimulada na época pela recente criação da Petrobrás (1953). Até então, apenas cinquenta profissionais atuavam em todo Brasil nas atividades que se relacionavam à geologia, “eram autodidatas, oriundos dos cursos de História Natural, engenheiros e geólogos formados no exterior, todos brasileiros ou não.” (BARROSO, 1996, P. 144). Ficava evidente, concordando com Barroso (1996), a necessidade de formação de maior corpo técnico e científico para trabalhar na área e “explorar” os abundantes recursos minerais do território brasileiro.

A CAGE sediada em Pernambuco², oficializou a criação do Curso de Geologia do Recife através do Decreto nº 40.783, de 18 de janeiro de 1957. Seu principal papel era o de formação e treinamento de profissionais e realização pesquisas didáticas. O Curso ocupava inicialmente um imóvel situado na Rua do Hospício, 425, porém, decorrente da demanda apresentada com o desenvolvimento de seus trabalhos, no ano seguinte foi necessário realizar o aluguel de um espaço para expansão, “(...) o prédio 403 à rua do

valor intrínseco e pela consideração de ser este Museu o terceiro surgido no Brasil. (...)

² As outras escolas foram criadas em Porto Alegre, São Paulo e Outro Preto. Um ano depois, foram criados os cursos em Salvador e Rio de Janeiro. (SIAL, 2007)

Riachuelo o qual servia de pensão (...)” (CAMPANHA DE FORMAÇÃO DE GEOLOGOS, 1958). Em momento posterior, no ano de 1965, a Escola de Geologia foi então transferida para outro edifício, situado na rua do Bosco, mas ainda no bairro da Boa Vista, Recife.

Conforme documentação em poder do MMR, a Escola de Geologia do Recife foi incorporada à Universidade Federal de Pernambuco em 15 de abril de 1965, através da Lei 4.618³ (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 1966). Anterior a essa data, vinculava-se à Universidade do Recife, instituição precedente à UFPE no ensino universitário no Estado de Pernambuco (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2016, on-line). Porém, mesmo com essa incorporação, a Escola de Geologia não se deslocou imediatamente para a sua atual localização, estando por último localizada na Rua Dom Bosco. A mudança, de fato, só ocorre no ano de 1969 quando, ao ser unificada com o Instituto de Geologia, forma o Instituto de Geociências, que posteriormente se desmembraem dois departamentos: o de Geologia e o de Engenharia de Minas; ao primeiro fica atrelado o Curso de Geologia no Campus Recife da UFPE, ocupando as dependências do prédio do CTG.



Imagem 1 - Fachada da Escola de Geologia do Recife, localizada na Rua do Hospício.

³ Datas e leis indicadas em documento sem título mantido pelo Departamento de Geologia e que está em processo de higienização e análise de conteúdo no Museu de Minerais e Rochas.



Imagem 2 - Fachada da Escola de Geologia do Recife em edifício situado à Rua Dom Bosco

Instituto de Geologia

O Instituto de Geologia do Recife foi uma entidade criada pela Universidade do Recife em 03 de julho de 1959 (UNIVERSIDADE DO RECIFE, 1963) em atendimento ao aumento das demandas da Escola de Geologia sobre pesquisas que complementavam as atividades didáticas e de diversas organizações com a qual se relacionava. Seu interesse maior era então o de apoiar as atividades da Escola, proporcionando estrutura e profissionais para a realização de pesquisas. O Instituto deveria ser fiel parceiro do Curso de Geologia, e para tanto estava situado em local próximo à Escola, na rua Corredor do Bispo, 155.

Para alcançar seu objetivos - auxiliar a Escola de Geologia - o Instituto de Geologia continha em sua estrutura organizacional uma divisão de mineralogia, o Museu de Minerais e Rochas, biblioteca, seção de laminação, seção de desenho, seção de fotografia e seção de química de minérios, além de realizar excursões “para fins didáticos, durante o período de aulas, e, preferencialmente em regiões próximas à Cidade; e excursões mais longas, sempre realizadas na época das férias e apelidadas de *pesquisa de campo*” (UNIVERSIDADE DO RECIFE, 1963, *itálico do autor*). Porém, apesar de sua premissa e estrutura, o Instituto em seu princípio trouxe perturbações à

administração da Escola de Geologia, em parte por terem sido “retirados” funcionários do “quadro administrativo” da Escola para trabalharem no Instituto (CAMPANHA DE FORMAÇÃO DE GEOLOGOS, 1960). Entretanto, este desconforto inicial não impediu que ambas entidades se mantivessem próximas e atuantes, cada qual com a sua especificidade, até a sua definitiva unificação na UFPE ao final da década de 1960.



Imagem 3 - Fachada do Instituto de Geologia localizada na Rua Corredor do Bispo.

A unificação

No decorrer de sua trajetória de consolidação, o Departamento de Geologia, responsável pelo atual Curso de Geologia da UFPE, é resultado da união da Escola de Geologia e do Instituto de Geologia, os quais percorreram circuitos diferentes para chegar ao mesmo lugar. A Escola de Geologia, ao ser vinculada à “UFP”⁴, em seu princípio mantém-se como local de formação de pessoas para a geologia, enquanto o Instituto, mesmo após a vinculação à UFP, se mantém como produtor de pesquisas nas geociências. Ambas começam a operar juntas apenas com a reforma universitária de 1968, adotando o nome

⁴Sigla adotada anteriormente pela Universidade Federal de Pernambuco, presente em alguns dos documentos em estudo.

de Instituto de Geociências, que em momento posterior assume o nome de Departamento de Geologia⁵.

Em sua atual concepção, o DGeo está subordinado ao Centro de Tecnologia e Geociências, ocupando o seu quinto andar do prédio acadêmico, além de parte do terceiro andar - ocupado em sua maior parte pelo Departamento de Engenharia de Minas. Possui ainda áreas no térreo deste Centro: o Laboratório de Gemologia; módulo anexo de laboratórios (“módulo de geologia”) onde está a sala de exposição do Museu, laboratório de laminação, litoteca, laboratório de cominuição⁶ e laboratório de sedimentologia. Em outras edificações circunvizinhas a este módulo, encontram-se ainda o Laboratório de Isótopos Estáveis e o Laboratório de Paleontologia. Nos andares do prédio escolar do CTG, o DGeo mantém em suas dependências: salas de aula, laboratórios de microscopia óptica, petrologia, geologia econômica, sismo, geofísica, hidrogeologia, estrutural, laboratório de geoquímica laboratório de catodoluminescência, etc; ou seja, numa percepção ampla, unifica realmente as funções trazidas pela Escola – a formação - e pelo Instituto de Geologia – a pesquisa.

O Museu de Minerais e Rochas

É no novo cenário trazido pela união da Escola de Geologia e do Instituto de Geologia - trazido na sua transição de ambas instituições para o Campus Recife - que a vida do atual Museu de Minerais e Rochas floresce, sendo constituído pelos acervos do “Museu de Minerais, Rochas e Fósseis”, da Escola de Geologia e pelos acervos do Museu de Minerais e Rochas, do Instituto de Geologia – de quem herdou o nome.

O Museu de Minerais, Rochas e Fósseis (MMRF) é espaço que sucede ao “Museu de Mineralogia”, mencionado no Relatório CAGE de 1958, cujos criadores são desconhecidos. O MMRF é resultante da ampliação das atividades da Escola de Geologia e se seu acervo, tendo como seus criadores os professores Adusumilli Baskara Rao⁷ e Maria do Perpétuo Socorro Adusumilli. Em relato escrito transmitido pela professora Maria do Socorro Adusumilli (2007) à atual diretora do MMR, o “Museu de

⁵ A história do DGeo ainda está sendo reescrita a partir dos documentos mantidos pela gestão do mesmo, portanto, esta breve descrição histórica esta passível de reformulação, mas é aceita como válida e confiável por estes autores, considerando as experiências vividas e ouvidas pelo período ao qual estão vinculados à UFPE.

⁶ Conforme o Dicionário Online de Português (2016), cominuição significa “fragmentação, Ação de quebrar em partes menores”

⁷ O nome Adusumilli, do professor Baskara Rao nos documentos históricos aparece mencionado primeiro, entretanto, em outros documentos mais recentes, ele aparece por último. Ainda não se sabe a razão desta modificação, porém, se preferiamanter a referência às primeiras aparições de seu nome.

Minerais, Rochas e Fósseis” surge como “consequência natural” as “necessidades do ensino” e acumulação de “amostras trazidas de excursões”, a fim de “abrigá-las”. Seu acervo foi composto por amostras adquiridas de colecionadores, acervos particulares de professores, doações de simpatizantes e de estudos em campo.

O “desenvolvimento e melhoramento” do MMRF foi propiciado pela vinculação do professor Baskara Rao às disciplinas que entravam em sintonia com o conteúdo e missão do museus, entretanto, a organização das amostras (registro e classificação) e da expografia das vitrinas é atribuída a professora Maria do Socorro, a qual esteve nessa frente de trabalho desde a transferência do acervo do edifício da rua do Hospício para o da rua Dom Bosco. Nessa mesma época, é designada a auxiliar-técnica Josefa Fernandes Veloso para ajudar nas diferentes tarefas do Museu, em especial “arranjo e conservação das vitrines do museu, bem como zelava pela ordem, manutenção do acervo, orientação de visitas e anotações das mesmas” (ADUSUMILLI, 2007).

Não diferente do Museu de Minerais, Rochas e Fósseis, o Museu de Minerais e Rochas do Instituto de Geologia, criado pelos professores Silvio da Cunha Santos e Cláudio de Castro, detinha uma organização apropriada para sua função, realizando atividades de acolhimento de amostras e de visitação ao acervo de mesmo modo ao realizado por seu contemporâneo. Sua configuração é apresentada pela publicação “O que é o Instituto de Geologia da Universidade do Recife”, produzido em 1963, pela própria Universidade:

MUSEU DE MINERAIS E ROCHAS

Criado o INSTITUTO DE GEOLOGIA foram reunidas amostras mineralógicas e petrográficas procedentes das seguintes unidades: Fac. Fil de Pernambuco, Esc. De Eng. De Pernambuco e Esc. Superior de Química.

Atualmente, o MUSEU DE MINERAIS E ROCHAS possui mais de 2000 amostras, distribuídas em diversas coleções sempre aumentadas com as contribuições das excursões.

Para melhor entendimento com visitantes, e, também, para facilitar o aprendizado dos alunos são expostos junto aos minerais modelos (sic) coloridos que representam a estrutura das moléculas e os elementos de simetria que possuem os minerais em exposição.

O MUSEU é franqueado a todo o público interessado no assunto, alunos dos Cursos Médio de várias escolas que, em grupo, recebem aulas práticas das cadeiras que dizem respeito à geologia



Imagem 3 - Informações sobre o Museu de Minerais e Rochas do Instituto de Geologia (1963)

O MMR atual não apenas herdou o nome do museu do Instituto de Geologia⁸, mas seu mobiliário e método de organização do acervo. Ainda, é deste museu a maior parcela de amostras que atualmente são mantidas em diversas coleções, com especial destaque às coleções nomeadas de Silvio da Cunha Santos (206) e Cláudio de Castro (305)⁹ – apenas duas coleções didáticas superam estes números, Hélio Grimberg com 915 objetos e Fritz Krantz com 338.

A atual estrutura do MMR é resultado da reforma do ambiente que já ocupava antes de 2004 - ano de início de sua reestruturação para reabertura no ano de 2007¹⁰ - localizado no prédio “anexo” do Departamento de Geologia - conhecido também como módulo de geologia - e da realocação, neste mesmo local, de parte de seu acervo, anteriormente dispersos nos corredores dos Departamentos de Geologia e de Engenharia de Minas. Não se sabe exatamente quando o acervo do MMR foi alocado neste ambiente, porém a placa de inauguração do módulo e museu é datada de 1987¹¹. Agregado a este ambiente do módulo, o MMR, onde está disposto a visitação o seu acervo, mantém um laboratório de conservação e documentação. Seu acervo é composto por 5000 amostras geológicas,

⁸ Acredita-se ser esta a versão correta da nomeação atual do MMR, porém, documentos encontrados recentemente indicam que a existência do Museu de Minerais e Rochas na Escola de Geologia ainda no ano de 1967.

⁹ Considerando apenas amostras geológicas, assim, excluindo equipamentos, utensílios, documentos e livros.

¹⁰ Durante os anos de 1996 e 2004 o Museu manteve-se sem atividades contínuas de visitação, porém, não foi completamente desintegrado, estimulando tentativa de retirá-lo do estado de descanso.

¹¹ Informações a respeito estão sendo pesquisadas em livros de atas do Departamento de Engenharia de Minas, que abrigou o museu até o ano de 2003.

mais de 400 equipamentos e instrumentos científicos, além de fotografias, livros e documentos que estão em etapa de reconhecimento e registro (BARRETO, 2011; 2013).

Projeto Memória, a proposta

Na oportunidade de homenagear e consagrar a história da Geologia em Pernambuco, em 2017 serão comemorados os 60 anos de sua presença no Estado. Por esse motivo, o Departamento de Geologia idealizou uma ação guarda-chuva com a realização de diferentes eventos relacionados ao seu passado, ao seu atual momento e projeções da área da geologia e demais geociências.

Para a ocasião, o Museu de Minerais e Rochas foi convidado a projetar alguma atividade cultural concernente a sua natureza, visando oferecer aos participantes do evento momentos de contemplação e enriquecimento do saber sobre a geologia, com ênfase na trajetória do Curso de Geologia criado em Pernambuco. Nesse sentido, foi planejada a realização de um projeto interno que contempla a elaboração de cinco produtos culturais: (1) três exposições, (2) a publicação de um livro-catálogo, (3) reativação temporária do primeiro percurso museológico adotado pelo Museu, a realização de (4) palestras temáticas relacionadas a história e a reabertura do MMR, e (5) dois instrumentos administrativos-normativos que concederão ao museu um reconhecimento de seu valor como equipamento cultural.

Sob o título provisório de 'Projeto Memória', a ação planejada pelo MMR pretende materializar esses cinco produtos culturais durante o período de maio de 2017 a maio de 2018, no intuito de manter viva e ativa, durante toda a vigência dos 60 anos da 'geologia pernambucana', a memória que se relaciona ao Departamento de Geologia da UFPE. Pretende-se assim oferecer ao seu público alvo, os geólogos, professores, funcionários e estudantes de geologia que participarão da ação guarda-chuva do Departamento de Geologia e demais transeuntes do CTG informações constantemente renovadas e inéditas sobre o assunto desenvolvido.

As projeções iniciais do Projeto Memória sintetizam-se em miniprojetos que serão definitivamente programados em datas combinadas junto à chefia do DGeo.

1. Miniprojeto: Exposições

1ª Exposição - Registro de uma trajetória: a Geologia em Pernambuco

Principal produto cultural do Projeto Memória, esta exposição tem por premissa prestar homenagem aos geólogos – pelo dia do geólogo que ocorrerá em mesma data do evento

programado pelo DGeo – trazendo como conceito expográfico as origens do Curso de Geologia, utilizando-se de documentos históricos e relatos que retomam a criação e existência da CAGE, da Escola de Geologia, do Instituto de Geologia e outros entes que estão relacionados à geologia no Estado, como a Petrobrás e o Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM). Não é pretendido, portanto, ater-se na biografia de qualquer pessoa relacionada ao Curso, mas sim, propriamente a instituição Curso/Departamento de Geologia.

A exposição será constituída essencialmente por documentos em papel, sincrônicos ao período de existência da Escola e do Instituto de Geologia (1957-1965), representados por Livros Ata, Relatórios da CAGE e publicações produzidas nesta mesma época. Serão complementados por relatos orais de profissionais, professores, ex-alunos e alunos que participaram e participam da permanente escrita da história de institucional.

Estuda-se montar a exposição dentro do espaço expositivo já em uso pelo museu, pensando na segurança, conservação e acondicionamento dos documentos. Como segunda alternativa, a exposição poderá ser realizada em local e mobília que esta, por ora, recebendo a exposição “Um olhar sobre a Geofísica: Helmo Rand” – exposição temporária montada em 2013. Esta segunda alternativa será apenas utilizada com a impossibilidade total de utilizar o espaço expográfico atual do MMR – por questões de força maior, como possíveis danos estruturais.

É planejada a abertura da exposição em simultânea à realização dos demais eventos programados pela chefia do DGeo, ao final do mês de maio de 2017, porém, não estando condicionado a efetivação da realização dos eventos do Departamento por se tratarem de propostas distintas. Tem-se como público alvo desta exposição alunos, professores, funcionários do Curso de Geologia e público espontâneo. Espera-se ainda alcançar ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários da CAGE, da Escola de Geologia e do Instituto de Geologia, os quais, com a oportunidade de suas presenças, receberão homenagens.

Aspira-se que esta exposição possa trazer a difusão do conhecimento histórico e científico entorno das ciências da terra, reforçando a importância dos registros materiais - representados pelos relatórios, atas e demais publicações - e das atividades de conservação realizada pelo MMR. Para além, revelará o Curso de Geologia da UFPE como fonte de excelentes recursos de pessoal, entregando profissionais com alto nível de conhecimento e desenvolvimento técnico em geociências para atuação em diversos lugares do mundo.



Imagem 4 - Livros atas com acondicionamento identificados e com acondicionamento inicial simples para evitar contaminação de outros documentos.

2ª Exposição - Mostra comemorativa: Coleção Cláudio de Castro

Prevista para substituir a atual exposição temática “Um olhar sobre a Geofísica: Helmo Rand”, localizada no Hall de entrada do Centro de Tecnologia e Geociências, a proposta é expor parte do acervo relacionado ao Naturalista e Professor Cláudio de Castro como forma de homenagem um dos fundadores do MMR e de um importante incentivador de suas atividades e desenvolvimento de seu acervo¹².

A trajetória de Cláudio de Castro na UFPE e com as Geociências caminha em linha paralela ao do Departamento de Geologia. Integrante do corpo de pessoal do Departamento de Engenharia de Minas quando este foi aportado na UFPE, já estava envolvido com a Geologia desde à vinculação profissional ao Instituto de Geologia ainda na década de 1960 (CASTRO, 2005). Sua importância para o Museu de Minerais e Rochas é oriunda não apenas de sua contribuição com a doações, mas sim de sua memória pessoal e profissional, sendo exemplar vivo de toda os acontecimentos aqui, até o momento, relatados.

Para a exposição, pretende-se fazer uso de exemplares geológicos anteriores a reabertura do museu em 2007 e exemplares da doação ocorrida em 2015, além de fotografias e recortes textuais sobre sua vida. A curadoria terá a colaboração do professor Cláudio de Castro, atendendo as limitações espaciais e matérias do espaço

¹²Há em seu nome a indicação da doação de mais de 300 amostras geológicas, além de diversos equipamentos de C&T e publicações diversas relacionadas às Geociências.

3ª Exposição – Reescrita da exposição permanente

A proposta desta exposição é a de tornar a narrativa atual compatível com as diretrizes apresentadas pela pesquisa realizada pela Designer Yelitza López Duque (2016), no qual prevê a importância de aproximar os interesses ou necessidades de quem visita o museu com o objetivo das atividades desenvolvidas neste espaço de educação não formal. Neste sentido, a pesquisadora indica ferramentas complementares à atividade de mediação, como os jogos, fazendo uso da Teoria da Atividade - idealizada por Vygotsky (1978), teorizada por Leontiev (1979) e aperfeiçoada sequencialmente por Engeström (1987) e Mwanza (2000).

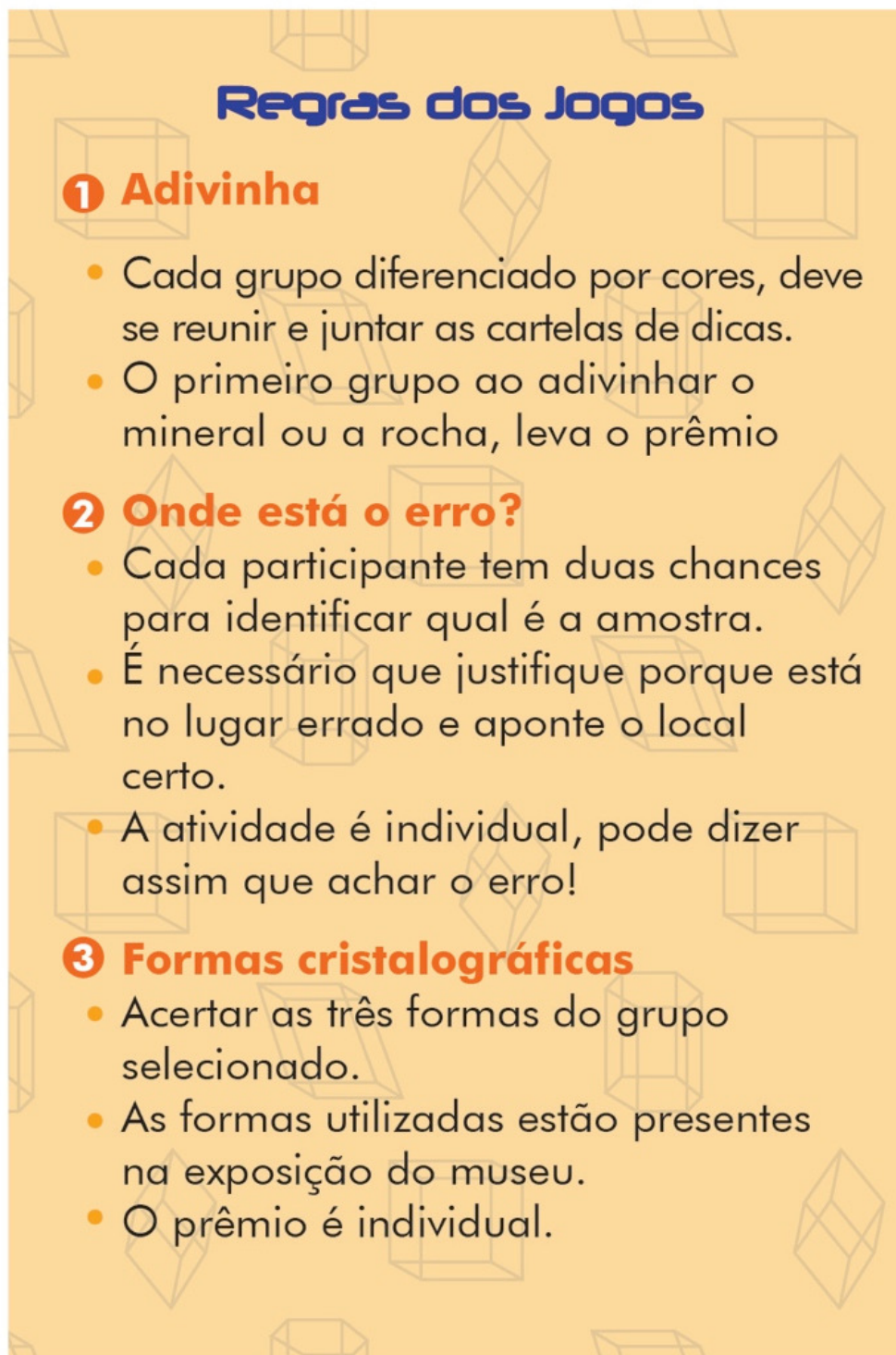
Em resumo, esta atividade educativa propõe realizar pequenas intervenções na expografia e na narrativa adotada pelos mediadores, para que alguns detalhes e conhecimentos sejam mais bem apreendidos pelos visitantes, facilitando a participação em algumas dinâmicas ou jogos realizados ao final da visita.

São necessários o cumprimento de dois procedimentos, imprescindíveis e interdependentes, no trajeto museográfico, para a efetivação da atividade. O primeiro tem a intenção de chamar a atenção do visitante para os aspectos e detalhes de composição da vitrina, fazendo-o perceber, dentre um conjunto de objetos, aquele 'deslocado' de sua função ou participação na vitrina. Isto é realizado pela inserção ou reposicionamento dos objetos na vitrina, ou deslocamento deles entre vitrinas. Por exemplo, um mineral retirado da vitrina de rochas "Pegmatitos", deslocado para a vitrina de rochas "Skarn". O segundo procedimento é dependente da articulação do mediador com o visitante. Previamente combinado, o mediador deve, durante a sua fala, evidenciar a proposta da vitrina e alguns características dos do conjunto de objetos ali expostos, sendo mais enfático em destacar algumas características que aticem a percepção do visitante à algum objeto específico.

Ao final do percurso expositivo, o visitante é convidado a participar de um dos três jogos desenvolvidos pela design:

- (1) "Advinha", jogo no qual o visitante deve identificar o objeto por suas características – que foram evidenciadas pelo mediador;
- (2) "Onde está o erro", jogo no qual o visitante deve dizer qual erro foi por ele percebido na composição da vitrina e indicar a vitrine correta a qual pertenceria e;
- (3) "Formas cristalográficas", jogo no qual o visitante deve identificar o mineral que corresponde a forma geométrica – moldes tridimensionais - apresentada pelo mediador.

A proposta educativa é, ao final de toda a atividade, alcançada, pelo reforço do conhecimento repassado durante a fala do mediador e lembrada pela dinâmica dos jogos.



Regras dos Jogos

- 1 Adivinha**
 - Cada grupo diferenciado por cores, deve se reunir e juntar as cartelas de dicas.
 - O primeiro grupo ao adivinhar o mineral ou a rocha, leva o prêmio
- 2 Onde está o erro?**
 - Cada participante tem duas chances para identificar qual é a amostra.
 - É necessário que justifique porque está no lugar errado e aponte o local certo.
 - A atividade é individual, pode dizer assim que achar o erro!
- 3 Formas cristalográficas**
 - Acertar as três formas do grupo selecionado.
 - As formas utilizadas estão presentes na exposição do museu.
 - O prêmio é individual.

Imagem 6– Regras dos jogos, simplificadas, para conhecimento de seus participantes.

Jogo: Formas Cristalográficas

Objetivo
Reconhecer algumas das formas cristalográficas dos minerais, através do acervo do museu.

Habilidades
Percepção visual
Pensamento lógico

Regras
Acertar as três formas do grupo selecionado.
As formas utilizadas estão presentes na exposição do museu.
O prêmio é individual.

Atividade
Nesta atividade se formam dois grupos com três formas cristalográficas cada um, os sujeitos devem identificar no acervo do museu, que amostras possuem dita forma. A seguir se apresenta uma relação entre as amostras presentes no acervo do museu e suas respectivas formas cristalográficas (Fig. 5.8).

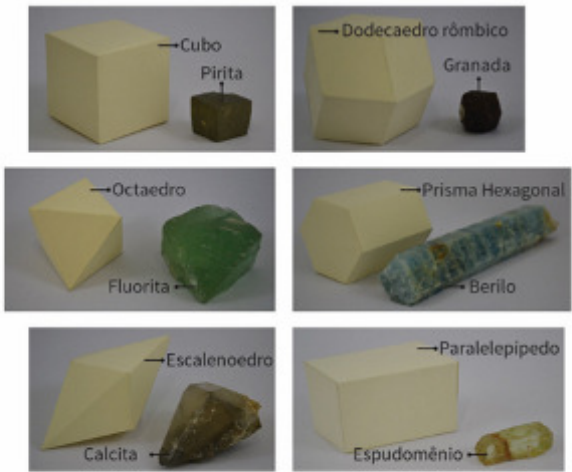


Figura 5.8 - Formas cristalográficas tridimensionais junto com o mineral presente no museu.

Fonte: O autor.

Imagem 13- Imagem retirada do trabalho de pesquisa da designer.

Esta atividade, para validação da pesquisa foi efetuada no próprio ambiente do Museu no ano de 2016, demonstrando ser eficiente para atender a proposta concebida, sendo bem recebido pelos visitantes. Entretanto, para sua viabilização se torna imprescindível o desenvolvimento de outras ações que atenda todos os perfis de usuários do museu e capacitação dos mediadores. Para esta última necessidade, o MMR está revendo sua atual expografia e as possibilidade de sua modificação conforme orientação da designer e do museólogo.

2. Miniprojeto: Livro – catálogo

Símbolo maior das comemorações da década de reabertura do MMR e dos 50 anos de vinculação do mesmo à UFPE, o Livro-catálogo é idealizado para ser mais um meio de difusão dos acervos mantidos pelo MMR. Pretende-se, para além de um simples expositor de fotografias do acervo, ser uma fonte sobre a história do museu, trazendo detalhes sobre sua trajetória de vida, aliada às noções de museologia que irão enaltecer e reafirmar a missão, necessidade e importância do museu para a comunidade geológica, acadêmica e em geral. A sua produção está sobre competência da equipe do Museu e de professores do Curso de Museologia da UFPE. Outros parceiros poderão agregar seus valores conforme oportunidades surgidas.

3. Miniprojeto: Percurso Geológico – MMR / Paleontologia / Bosque

Reativação do percurso adotado no início da retomada das atividades do MMR, que incluía, para além da visita ao espaço museológico onde estão as amostras minerais, a visita à coleção de Paleontologia, localizada no 5º andar do prédio acadêmico do CTG e, visita orientada ao Bosque Fóssil, localizado no térreo do Edifício do Centro. Este percurso foi desativado por falta de mediadores que pudessem atender a demanda de visita nesses espaços que não possuem proximidade adequada, impossibilitando realizar de maneira não exaustiva, a mediação.

4. Miniprojeto: Palestra Temática (10 anos do MMR)

Em ocasião do decênio de reabertura do MMR, serão realizadas palestras relacionadas à missão e tipologia de acervo do museu, portanto, estão planejadas a ocorrência de uma palestra cujo tema será a trajetória do MMR nesses 10 anos de reabertura e sobre suas oficinas didáticas e recursos educativos. Serão ainda convidados a palestrar pensadores e práticos da museologia e da geologia – concernentes à difusão cultural – para contribuírem com suas experiências, desenvolvendo assim uma rede de parcerias e troca de saberes sobre cultura, patrimônio, museus e geociência.

5. Miniprojeto: Instrumentos administrativos-normativos

Considerados instrumentos de cunho administrativo e normativos, serão apresentados à público o Plano Museológico 2017-2020 e Regimento Interno do MMR. O Plano Museológico existente, equivalente aos anos de 2013–2017, nesta oportunidade será alvo de reavaliação, apresentando também o seu diagnóstico de implantação. Já o Regimento Interno será documento que oficializará a estrutura do MMR, assim como presará pela indicação dos princípios e missão do museu. Nele será apresentado a organização interna e do Conselho Consultivo a se estruturar durante a vigência do Plano Museológico 2017-2020. É válido ressaltar que o Conselho Consultivo será constituído por pessoas relacionadas as áreas de museologia, geologia, comunidade acadêmica e, se viabilizado, por membro do Ministério Público. Tem como função apoiar às decisões do Museu relativas a suas ações e comprometimento ao Plano Museológico e fins sociais. Não se trata, portanto de Associação de Amigos do Museu ou Conselho Deliberativo - o qual poderia determinar os caminhos de ação do Museu -, mas sim, um ente de orientação à administração.

Considerações Finais

Foram apresentadas as ações culturais que pensadas e que se pretende que sejam desenvolvidas pelo Museu de Minerais e Rochas na oportunidade da comemoração dos 60 anos de fundação dos estudos em geologia em Pernambuco. A suscitação de alguns fatos históricos transcorrentes da vida do Departamento de Geologia relevam uma importante rede de contatos institucionais concernentes à ampliação da percepção da importância das Geociências e mais amplamente da Ciência e Tecnologia em território nacional. Destes relacionamentos, conseqüentemente, são deixados evidências materiais que nos permitem explorar as memórias de outrora, expondo a riqueza da construção da Ciência e Tecnologia Nacional, em caso específico da Geologia e demais Geociências, por meio de acervos geológicos, equipamentos, documentos, fotografias e relatos pessoais.

A proposta do MMR é a de externar as memórias do estabelecimento e fixação da Geologia em Pernambuco. Será a partir das atas de reunião do Curso, Escola e Departamento de Geologia e dos relatórios da CAGE - que merecem ainda serem bem analisados por historiadores e outros pesquisadores – que as possibilidades se abrem na tentativa de recriar com precisão a trajetória histórica de toda a comunidade geológica de Pernambuco. De imediato, por estarem recebendo tratamento documental - higienização e identificação de seu conteúdo - apenas foram retirados das atas e relatórios, fatos de maior destaque e que, para os fins previstos para a exposição planejada, já se mostram proveitosas. Claramente, essas informações, até o momento de materialização da exposição 'Registro de uma trajetória: a Geologia em Pernambuco' terá maior integridade, portanto, a escrita aqui apresentada possui validade, mas poderão sofrer retificações.

Incidido ainda pela oportunidade de aliar os seus 10 anos de reabertura e 50 de anos de vínculo institucional, aos 60 anos de criação do Curso de Geologia no Estado de Pernambuco, o MMR sente-se ainda na obrigação de contar a sua história, produzindo ações e matérias que contam sua trajetória e conquistas, mostrando, nos pequenos detalhes, a sua importância do desenvolvimento da Geologia Pernambucana, portanto, é merecido que no evento comemorativo do sexagenário do Departamento de Geologia, o MMR tenha seu reconhecimento estampado em um livro-catálogo.

Os planejamentos aqui apresentado ainda estão em etapa de finalização de detalhes, mas que já possuem conceitos, estrutura e diretrizes claras. Os frutos de sua realização, entretanto, só poderão ser observados durante o 'ano da geologia pernambucana', mas as perspectivas para o seu sucesso já são evidentes.

Referências

- ADUSUMILLI, Maria do Perpétuo Socorro. *Bhaskara Rao Adusumilli e Maria do Perpétuo Socorro Adusumilli e sua contribuição ao Museu de Minerais e Rochas da UFPE*. Manuscrito. 2007
- BARRETO, Sandra de Brito. Museu de Minerais e Rochas. *Revista Estudos Universitários*, Recife, v. 27, n. 8, p. 145-147, 2011.
- BARRETO, Sandra de Brito; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ABREU E LIMA, Moacyr de. Museu de Minerais e Rochas e Acervo Paleontológico: Ferramentas de Mediação em Geociências. In: AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de, RIBEIRO, Emanuela Sousa (Orgs.). *Universidades & Patrimônio Cultural: Diálogos*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- BARROSO, Josué Alves. Os 40 anos da CAGE – Campanha Nacional de Formação de Geólogos, os cursos de geologia no Brasil e, em particular, no Rio de Janeiro. *Anuário do Instituto de Geociências*, v.19, p.143-156, 1996. Disponível em: <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1996/vol19_143_156.pdf>. Acesso em: 19 set. 2016
- CAMPANHA DE FORMAÇÃO DE GEÓLOGOS. *Curso de Geologia do Recife – Relatório de 1957*. Recife : Campanha de formação de geólogos, 1957.
- _____. *Curso de Geologia do Recife – Relatório de 1958*. Recife: Campanha de formação de geólogos, 1958
- _____. *Curso de Geologia do Recife – Relatório de 1960*. Recife: Campanha de formação de geólogos, 1960
- COMINUIÇÃO. In DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cominuicao/>>. Acesso em: 19 set. 2016
- RAMOS, J.R. de Andrade. *Cursos de geologia completam 30 anos (CAGE: 1957)*. Disponível em: <<http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/viewFile/2154/1914>>. Acesso em: 19 set. 2016
- SIAL, Alcides Nóbrega. Cinquenta anos de Geologia em Pernambuco (1957-2007): Retrospectiva. *Estudos Geológicos*, v.17, n.1, p.3-22, 2007. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/estudosgeologicos/paginas/edicoes/2007171/2007171t01.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2016
- UNIVERSIDADE DO RECIFE. *O que é o Instituto de Geologia da Universidade do Recife*. Recife : Universidade do Recife. 1963
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. *Regimento da Escola de Geologia da UFP*. Recife : Universidade Federal de Pernambuco. 1966
- _____. *História*. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ufpenova/index.php?option=com_content&view=article&id=57&Itemid=176>. Acesso em: 07 out. 2016
- LÓPEZ, Yelitz. O uso de jogos como ferramentas de mediação: Estudo de caso no Museu de Minerais e Rochas. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Design. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.